

EDITORIAL

Com este número a Revista Brasileira de Cancerologia (RBC) chega ao seu quinquagésimo volume. Tendo circulado pela primeira vez em setembro de 1947 para satisfazer uma determinação legal contida no decreto que instituiu o Serviço Nacional de Câncer (SNC), hoje Instituto Nacional de Câncer, a RBC tem veiculado, ao longo dos últimos 57 anos, trabalhos relacionados a todas as áreas da cancerologia.

No editorial de seu primeiro número, o então diretor do SNC, Dr. Mario Kroeff, esclarecia que entre seus objetivos principais destacavam-se "tornar conhecidos os trabalhos elaborados no Serviço Nacional de Câncer", "interessar mais de perto a classe médica no grande problema" que é o câncer, divulgando "não só as últimas aquisições no campo da cancerologia, como principalmente difundindo noções básicas e essenciais... no que tange ao diagnóstico precoce da doença". O editorial ressaltava ainda que "não só aos médicos cabe a iniciativa de defesa do público contra tão nefasto inimigo do gênero humano. É problema de profundo alcance médico-social, exigindo a participação de todos". Merece destaque o fato de que, nos anos 40, época em que foi escrito o artigo, o câncer era responsável por apenas 3,9% das mortes registradas nas capitais do país, número quatro vezes menor que o atual.

O presente número reproduz na íntegra um artigo veiculado no primeiro exemplar da RBC. Intitulado "O câncer é curável?", de autoria do Dr. Mario Kroeff, o texto resalta a importância do diagnóstico precoce acompanhado de intervenção terapêutica oportuna e correta. Ressalte-se que estes continuam a ser grandes desafios em nossos dias. Os avanços científicos acumulados desde então indicam que é possível prevenir até um terço dos casos de câncer e, quando há recursos disponíveis, detectar precocemente e tratar outro terço.

A seguir, Guarisi e colaboradores avaliam as ações dirigidas à detecção precoce do câncer do colo do útero no Município de Franco da Rocha - SP quanto à estrutura (recursos disponíveis), ao processo (cobertura estimada do exame de Papanicolaou) e ao desfecho

(diagnóstico, tratamento e seguimento). Os autores destacam a precariedade no planejamento e execução das ações, o que se reflete nos baixos índices de cobertura populacional do programa (9,5 a 24,1%, conforme o ano) e no elevado percentual de mulheres com lesão invasora (21%). Encontrar-se na faixa etária compreendida entre os 35 e os 49 anos de idade e ter tido cinco ou mais partos foram os principais fatores associados ao diagnóstico de lesão intra-epitelial de alto grau. Por outro lado, ter o primeiro parto após os 18 anos, ter tido cinco ou mais partos, não ter realizado exame citopatológico anteriormente, não usar anticoncepcional hormonal e ter 35 anos ou mais, foram os principais fatores associados ao desenvolvimento do câncer invasor. Os autores apontam para a necessidade de ajustes e correções de rumo na atenção oncológica, principalmente no que diz respeito à implementação de ações de detecção precoce, o que pode ser útil a outros municípios que enfrentam situações similares.

O artigo de Gutierrez e colaboradores resalta a importância da vigilância das infecções hospitalares após a alta como estratégia para ampliar as chances de detectar infecções da ferida operatória em pacientes submetidas à cirurgia oncológica de mama. Os autores destacam ainda o papel dos profissionais de enfermagem e a necessidade de um instrumento sistematizado para avaliação ambulatorial e seguimento das mulheres.

Em outro artigo original, Baraúna e colaboradores avaliam a utilidade da biofotogrametria computadorizada, uma nova tecnologia diagnóstica capaz de auxiliar na avaliação da amplitude dos movimentos do ombro em mulheres mastectomizadas. A seguir, Macedo e colaboradores apresentam e discutem o caso de uma paciente com tumor de Frantz, uma neoplasia rara do pâncreas.

Por fim, três artigos de revisão sintetizam o conhecimento atual em diferentes áreas. No primeiro deles, Marona e colaboradores apresentam uma ampla revisão sobre o papel da flutamida, um fármaco antiandrógeno, não-esteróide, destituído de atividade

hormonal, no tratamento do câncer avançado de próstata. No segundo, Vasconcellos e colaboradores destacam o papel dos bisfosfonatos na terapia complementar do câncer. Finalmente, Venâncio discute o papel do psicólogo no atendimento multiprofissional das pacientes com câncer de mama.

Encerramos este editorial ressaltando que, com o objetivo de aprimorar progressivamente nossa revista, ao longo deste ano, seu conselho editorial será ampliado

visando torná-lo mais participativo e representativo. Além disso, a busca do cumprimento de metas, que deverão por nós ser atingidas, contribuirá para a garantia da sua qualidade. Lembramos da ainda atual convocação proferida pelo Dr. Mario Kroeff no primeiro número da RBC, 57 anos atrás: "as páginas da RBC ficam abertas a qualquer movimento em prol da educação do público, alerta do indivíduo, estudo da doença e melhora das técnicas de tratamento".

Luiz Claudio Thuler

Editor Executivo